

# Experiências com línguas e linguagens em licenciaturas indígenas do Brasil e da Colômbia

## *Experiences with idioms and languages in undergraduate training for indigenous teachers from Brazil and Colombia*

Beatriz Osório Stumpf<sup>1</sup>

Ana Luísa Teixeira de Menezes<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i47.809>

**Resumo:** Este artigo aborda experiências desenvolvidas por licenciaturas indígenas para trabalhar diferentes línguas e linguagens, a partir de uma pesquisa de doutorado sobre potenciais e desafios de licenciaturas indígenas da América Latina. O recorte específico deste trabalho abrange as potencialidades referentes à atuação com línguas e linguagens em quatro programas do Brasil e um da Colômbia. O texto apresenta situações e expressões que mostram as abordagens pedagógicas utilizadas, em diálogo com outros autores, desenvolvendo os seguintes aspectos: papel cosmológico das línguas e linguagens, relação com símbolos e rituais, conexão com território, uso de diversas linguagens artísticas, formação de indígenas pesquisadores/as de suas línguas, produção de materiais bilíngues e elaborações sobre alfabetização indígena. A arte se manifesta nesses programas em perspectivas complexas, interdisciplinares, interculturais e descolonizadoras, constituindo trabalhos de revitalização e valorização cultural, fortalecimento de identidades, conexão espiritual, expressão e contestação política, potencializando ligações entre áreas de conhecimento. A construção de ideias sobre alfabetização indígena bilíngue e multilíngue se destaca como dimensão fundamental, no sentido de uma visão interdisciplinar e intercultural, envolvendo integração entre oralidade, escrita e outras modalidades de expressão; valorização da família, comunidade e território; amparo afetivo e respeito ao mundo da criança, de modo conectado ao contexto cotidiano coletivo e de relação com a natureza.

**Palavras-chave:** licenciaturas indígenas; línguas; linguagens; arte.

**Abstract:** This article discusses experiences developed by undergraduate training for indigenous teachers, in working with different idioms and languages, based on a doctoral research on the potential and challenges of these programs in Latin America. The specific outline of this work encompasses

---

<sup>1</sup> Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

the potential for working with idioms and languages in four programs in Brazil and one in Colombia. The text presents situations and expressions that show the pedagogical approaches used, in dialogue with other authors, developing the following aspects: cosmological role of idioms and languages, relationship with symbols and rituals, connection with territory, use of different artistic languages, formation of indigenous peoples researchers of their idioms, production of bilingual materials, and elaborations on indigenous literacy. Art is manifested in these programs in complex, interdisciplinary, intercultural, and decolonizing perspectives, constituting works of cultural revitalization and valorization, strengthening of identities, spiritual connection, expression, and political contestation, enhancing links between areas of knowledge. The construction of ideas about bilingual and multilingual indigenous literacy stands out as a fundamental dimension, in the sense of an interdisciplinary and intercultural vision, involving integration between orality, writing, and other forms of expression; appreciation of the family, community, and territory; affective support and respect for the child's world, in a way connected to the collective everyday context and relationship with nature.

**Keywords:** undergraduate training for indigenous teachers; idioms; languages; art.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo aborda experiências que estão sendo desenvolvidas por licenciaturas indígenas no trabalho com línguas e linguagens, de forma intercultural e integrada a outros aspectos tradicionais. As reflexões fazem parte de uma pesquisa mais ampla, em nível de doutorado, sobre desafios e potenciais de licenciaturas indígenas da América Latina, a qual tem proporcionado uma observação reflexiva desses programas, de modo a propiciar considerações sobre as estratégias educacionais interculturais envolvidas nessas trajetórias, em diversos contextos, culturas, históricos e relações, traçando possíveis diálogos e conexões, no sentido de desvendar construções de diferentes possibilidades pedagógicas, teóricas e práticas, tendo em conta seus processos construtivos, desafios e dificuldades.

A questão central da pesquisa se refere a como estão sendo pensadas e concretizadas essas iniciativas de formação superior de professores/as indígenas, diante do desafio e do potencial de trabalhar com perspectivas interculturais que possam contribuir para processos sociais transformadores. Desse modo o enfoque se dirige principalmente para três elementos: potenciais, desafios e possibilidades dialógicas entre as iniciativas. As estratégias interculturais foram investigadas nos

diversos aspectos envolvidos nos cursos, abrangendo suas formas de elaboração, propostas pedagógicas, métodos, desenhos curriculares, atividades, sistemas de avaliação e materiais.

O recorte apresentado e discutido neste trabalho se direciona para as potencialidades da atuação com línguas e linguagens, abrangendo quatro licenciaturas de diferentes regiões do Brasil e uma da Colômbia, as quais constituem programas específicos desenvolvidos em instituições de ensino superior, direcionados à formação de professores/as indígenas para a atuação em suas escolas diferenciadas, bilíngues ou multilíngues, interculturais e comunitárias.

A importância do trabalho com as línguas ameríndias na escolarização e na formação de professores/as indígenas é destacada no pensamento do antropólogo indígena Gersém José dos Santos Luciano. Luciano (2017) parte da essencialidade da linguagem nas cosmologias e vidas dos povos indígenas, ressaltando a importância da valorização de estratégias pedagógicas tradicionais para a revitalização e o cultivo de línguas ameríndias, com destaque para a oralidade, a ritualística e a participação dos mais velhos. O autor ressalta o papel da escola diferenciada nesse sentido, a fim de superar os impactos da educação escolar eurocêntrica.

A língua materna é um componente fundamental da identidade de cada etnia indígena, estando integrada à cosmologia, histórias e mitos, hábitos, valores e filosofias de vida, transmitidos de geração em geração, através da vivência comunitária, na relação com a natureza e em práticas espirituais. As mensagens mais profundas são reveladas na língua própria de cada povo, não podendo ser traduzidas, de modo que existem muitos conhecimentos que só podem ser acessados através das línguas originárias.

Brasil e Colômbia, assim como outros países da América Latina e conforme cada especificidade, sofreram intensos impactos dos processos de colonização e de globalização, os quais desencadearam e continuam promovendo grandes perdas linguísticas, totais ou parciais, apesar de todos os movimentos e ações de resistência. O histórico de relações colonizadoras e opressivas, direcionadas para a integração à sociedade dominante, por meio de escravizações, explorações, catequizações e sistemas eurocêntricos de escolarização, provocou imensa erosão linguística, implicando também na perda de elementos ritualísticos, saberes ancestrais e práticas tradicionais. Queiroz e Paula (2018) destacam os impactos

desse desgaste linguístico não somente com relação às estruturas das línguas, mas abrangendo a totalidade de saberes culturais sistematizados pela língua de cada povo, com perdas de suas históricas, experiências, compreensões de mundo e modos de se relacionar e de transformar a realidade.

Luciano (2017) descreve profundamente essa relação entre língua e tradição, com suas perdas mútuas, implicando em eliminação de importantes cosmologias, mitos, rituais, cantos e conhecimentos espirituais, tornando-se essenciais os processos de revitalização e fortalecimento das línguas, de forma conectada às tradições de cada etnia.

Foi observado, através dessa investigação, trabalhos de revitalização linguística e cultural que estão sendo desenvolvidos em licenciaturas indígenas do Brasil e da Colômbia, com abordagens em que não há a separação entre línguas e linguagens, favorecendo a participação ritualística e também artística.

A partir de observações, conversações, participações e reflexões realizadas ao longo do trabalho de campo da pesquisa, o texto apresenta situações e expressões que mostram potencialidades das abordagens pedagógicas das licenciaturas no campo das línguas e linguagens, em diálogo com outros autores, como Gersem Baniwa, Boaventura de Souza Santos, Humberto Maturana e Francisco Varela. Desse modo, são desenvolvidos os seguintes aspectos: papel cosmológico das línguas e linguagens, relação com símbolos e rituais, conexão com território, uso de diversas linguagens artísticas, formação de indígenas pesquisadores/as de suas línguas, produção de materiais bilíngues e elaborações sobre alfabetização indígena.

## **2 METODOLOGIA**

A perspectiva metodológica qualitativa etnográfica foi escolhida para o desenvolvimento dessa pesquisa, no sentido de acompanhar processos de licenciaturas indígenas, com observações, escutas, leituras e registros detalhados, partindo de um olhar atento aos pontos de vista dos/as participantes, indígenas e não indígenas, com relação às diversas formas de encontros e construções interculturais que fazem parte dos processos de desenvolvimento das licenciaturas.

Foi selecionado um conjunto abrangente de estratégias nesse sentido, com pesquisa documental, observação participante, entrevistas semi-estruturadas,

diálogos não estruturados e diários de campo. As conversações e entrevistas envolveram lideranças, estudantes, professores/as e coordenadores/as dos programas. A leitura e a análise de documentos se direcionaram principalmente para propostas pedagógicas, mas também incluíram pesquisas nos sites oficiais dos programas, com acompanhamento das notícias e leitura de trabalhos produzidos por estudantes. O trabalho de campo envolveu observação de etapas das licenciaturas, com suas atividades teóricas, práticas e culturais, abrangendo aulas, reuniões, saídas de campo, seminários e outros tipos de eventos.

Foram realizados contatos e diálogos iniciais com as licenciaturas, encaminhamento do projeto de pesquisa e esclarecimento de dúvidas. A aceitação da investigação foi oficializada através de cartas assinadas pelas coordenações dos programas. A parte da pesquisa direcionada para as licenciaturas colombianas ocorreu através de um estágio, realizado em Medellín no período de março a maio de 2020, com o grupo de pesquisa Educación y Diversidad Internacional (EDI), da Universidad de Antioquia (UdeA).

Para esse artigo foi selecionado um recorte que abrange uma experiência colombiana e quatro brasileiras, de diferentes regiões. Os programas do Brasil são os seguintes: Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Núcleo de Formação Indígena (NUFI) da Universidade do Estado do Pará (UEPA); Curso de Licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahaky da Universidade Federal de Goiás (UFG); Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Departamento de História, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). O programa da Colômbia é a Licenciatura en Pedagogía de la Madre Tierra (LPMT), do Grupo de Investigación Diverser, Facultad de Educación, UdeA.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Luciano (2017) reflete sobre o papel cosmológico da linguagem para o povo baniwa, como forma de comunicação entre todos os seres, sendo essencial para o equilíbrio cósmico. Nessa visão, a interlocução pode ocorrer entre humanos vivos e que já morreram, com seres não humanos e com entes naturais, sendo que a boa comunicabilidade entre os componentes que conformam a natureza resulta

na harmonia desse sistema. Por conseguinte, as linguagens possuem uma essência espiritual, não somente no que tange às atuações dos pajés, mas na comunicação cotidiana, entre pessoas de diferentes gerações e funções comunitárias, bem como com a natureza e o sobrenatural. A linguagem, com essa concepção, abrange não somente a dimensão material, mas também imaterial.

Através desta pesquisa, foi percebida a presença da relação entre linguagem e espiritualidade em licenciaturas indígenas, principalmente de uma forma conectada com a ancestralidade. Na Licenciatura em Pedagogia de la Madre Tierra (LPMT), esta conexão ancestral representa o fundamento de todo o programa, com sua estrutura, forma de organização, métodos e atividades. Além disso, é oferecido um destaque especial ao trabalho com as línguas, de forma diferenciada, dentro de uma área denominada como Educação, Linguagem e Comunicação. As palavras do professor indígena Abadio Green, da etnia embera, docente dessa licenciatura e coordenador do Programa de Educación Indígena da UdeA, mostram essa profundidade:

*Na área da Educação, Linguagem e Comunicação, damos muita importância para os significados de vida das palavras. Como aprendemos a língua? Nos ventres das mães. O lugar do ventre se torna importante e também o papel da mulher na sociedade. A primeira pergunta é sobre a história do teu nome. Nos demos conta da colonização que está nos nomes. A segunda é: que sabes das histórias do ventre de tua mãe? A terceira é: quando você nasceu, o que fizeram com teu cordão umbilical e umbigo? Porque a placenta é meu primeiro território, primeira escola, onde comecei a aprender, porque estava em silêncio. Aí começa a investigação na linguística: como tu dizes isso? Quando uma mulher engravida ela tem em seu ventre a sabedoria do povo. A árvore da placenta produz sementes. Isso sou eu. Conexão permanente com a Mãe Terra. Quando nascemos semeamos tudo isso. Começamos a escrever nossa história desde o primeiro dia. Como tratar a placenta como lixo, se é meu órgão protetor, tecidos que me rodearam, me amaram. Tecido tão frágil. Que tem a ver essa história com a vida que tu tem hoje? Muita enfermidade que temos hoje está escrita nos ventres. Trabalho de elevar a consciência, a identidade, o amor. Todos somos filhos da Mãe Terra. Todos nos conectamos com a grande Mãe. Outro ponto é: onde está a origem do teu povo? Vem dos ancestrais. Ventre de minha mãe e da Mãe Terra e do cosmos. A língua não é só comunicação, é memória, cultura, músicas, danças, cerimônias, tecidos, bastões, mochilas. (Stocel, em 2020).*

Com essa abordagem a língua é vista de forma muito ampla, como elemento de cura, descolonização, reconexão e compreensão da origem, sendo que na revitalização linguística está todo esse conhecimento e saber ancestral. As línguas originárias dos povos indígenas possuem um saber milenário que expressa o vínculo direto e profundo com a Mãe Terra e com territórios sagrados. O ventre materno é reconhecido como o primeiro território, essencial para a vida, possibilitando falar de metodologia, questionar, escrever, pensar sobre as vidas ancestrais e atuais, identificar linhagens e gerações, perceber desconexões que precisam ser curadas, trabalhar com a autoestima e gerar conexões saudáveis.

O professor Miguel Monsalve, também dessa licenciatura, explicou sobre esse processo:

*Outro elemento é o método de significados de vida para o estudo e aprendizagem das línguas. A investigação desde as raízes dá força para situar. O método trabalha com significados de vida. Isso é chave para o trabalho. Nas línguas mãe cada som remete a significados originários muito importantes. Quando um embera fala, cada som está associado com histórias antigas. Isso é muito poderoso, nos põe a ver o mundo de outra forma. Não é o individualismo da cultura ocidental. Espanhol e português são línguas mestiças, com latim, árabe, francês, comunidades da Europa, e influências próprias de cada lugar. Nas línguas indígenas cada som é história de origem muito profunda. Em Educação, Linguagem e Comunicação todos seguem essa orientação, da busca de horizonte de sentido. (Gómez, em 2020).*

Por traz de cada som existe um universo simbólico que remete a conhecimentos ancestrais sobre o universo, a natureza e a vida, com seus profundos significados. Mas a linguagem simbólica vai além das palavras, com sua presença em pinturas corporais, artesanatos, construções e artefatos. Luciano (2017) explica que, conforme a cosmologia baniwa, a linguagem simbólica é a mais marcante no complexo sistema comunicativo que constitui o mundo. A manifestação da natureza ocorre através de sinais e eventos figurativos, os quais são principalmente interpretados e revelados pelos pajés, mas que estão presentes na vida cotidiana.

A importância do conteúdo simbólico da linguagem indígena é marcante nas licenciaturas, de variadas formas. Para exemplificar, pode ser ressaltado o impacto produzido por pinturas nas paredes das universidades, tanto na UFSC como na UNIFAP, desenvolvidas por estudantes das licenciaturas, com desenhos

de símbolos importantes para cada etnia participante. Na UFSC esse processo foi observado ao longo do trabalho de campo da pesquisa, com as intervenções artísticas emergindo de forma colaborativa nas paredes de algumas salas de aula, em meio à alegria e dedicação na sua elaboração, acompanhadas pela construção e apresentação de textos memoriais e fotografias, trazendo os significados dos símbolos que aparecem nos desenhos. Durante essas atividades e nas apresentações dos textos, foi visível a relevância das trocas de conhecimentos sobre os significados dos grafismos, entre pessoas de uma mesma etnia e de diferentes povos. Algumas conversações se referiram a essas trocas: “Cada símbolo que fizemos é muito importante. Toda a narrativa representada em diversos locais, um complementando o outro, parecia que estavam se conversando. Foram se conectando sem conversar.” “Houve descobertas. Um desenhou marcas que outros não conheciam. Há símbolos que só mulher usa, ou só solteira, ou casada. É como um grande quebra cabeça. Um guarani não sabe tudo, vai se conectando com os outros”.

O texto do estudante guarani Daniel Kuaray, elaborado para apresentar e explicar as imagens dessa etnia, revela sua magnitude e profundidade simbólica:

*Esse desenho feito na parede da sala 10 de História mostra os símbolos sagrados da vida Guarani. O desenho nos mostra o Opy a casa de reza, onde rezamos, dançamos e cantamos; os objetos sagrados como o ka'ygua e o ka'a, a cuia e a erva-mate, que foram dados pelas divindades sagradas a nós Guarani. Essa erva serve para nos dar energia, nos dar a vitalidade necessária. Também tem os objetos sagrados como o popygua, o petyngua. Temos também a palmeira sagrada, o pindó, e o Nhamandu, o grande mestre Sol. As pinturas corporais são as marcas Guarani usadas no cotidiano para a proteção, também ajudam na identificação dos dialetos Guarani. Cada clã usa a sua própria marca, as mulheres e os homens usam marcas diferentes também. Esses desenhos feitos nos rostos ou no corpo foram criados a partir da observação da natureza, dos animais. Acreditamos que usando essas marcas conseguimos ter a mesma força e proteção sagrada. (Kuaray, em 2020).*

De forma integrada à riqueza dos simbolismos, Luciano (2017) traz a importância da linguagem ritualística, pois além da língua utilizada na comunicação cotidiana, há linguagens específicas para o desenvolvimento de determinados



papéis, como xamãs, pajés e mestres de cerimônias. Existem linguagens ritualísticas e simbólicas que não são verbais, mas sim apresentadas através de gestos, práticas espirituais e rituais, cantos, danças, oferendas e uso de plantas sagradas.

Essa conexão entre ritualismo, simbolismo e linguagem ficou bastante evidente em várias situações e atividades ao longo dos trabalhos de campo com as licenciaturas. Um exemplo importante se refere a um ritual desenvolvido na UFSC, com participação de lideranças espirituais e políticas das etnias kaingang e mbya guarani, ao redor de uma fogueira, com cantos, danças, banhos de ervas e pronunciamentos em suas línguas maternas. Além disso, algumas aulas da turma guarani iniciavam com rodas de cantos e fumando *petyngua*, o cachimbo sagrado dessa etnia, na grama e sombra de árvores da universidade, inaugurando outras formas de tratar temas interculturais e acadêmicos.

A ritualística também foi marcante no trabalho do professor indígena Gelson Pastana, com uma turma da licenciatura da UNIFAP. Em sua disciplina, esse educador possibilitou o percurso de trajetórias pedagógicas de vivência da relação entre linguagens artísticas e identidade, através de pesquisas sobre valores e hábitos tradicionais de cada um dos cinco povos participantes. O processo desencadeou manifestações com contos, danças, músicas e performances teatrais representando cerimônias e rituais ameríndios, mostrando suas especificidades étnicas, de forma integrada à ilustração por meio de cartazes com desenhos, pinturas e textos bilíngues. Essas apresentações artísticas revelaram a profundidade e a força espiritual da ancestralidade, com sua importância na afirmação e fortalecimento da identidade étnica.

A arte, em seu conjunto de manifestações, constitui um dos aspectos referidos por Kusch (2007) para caracterizar o pensamento indígena, pois ela oferece elementos que não são comumente trabalhados através do saber racional, como símbolos e sentimentos, incluindo mensagens espirituais que muitas vezes transcendem nossa capacidade de compreensão cognitiva. Esse filósofo argentino, pesquisador da cultura quéchua, trabalha com a noção de pensamento seminal para contribuir na compreensão do modo de pensar ameríndio, no qual é valorizada a subjetividade, o sentimento, o simbolismo, o ritualismo e a arte, em contraponto ao pensamento ocidental, que é causal, marcado pela objetividade e busca do que é externo para sua manipulação.

Através do trabalho do professor Gelson Pastana, foi desenvolvido um processo de questionamento sobre o significado de arte na cultura indígena e quais as linguagens e os elementos culturais mais importantes para cada etnia. Por meio de leituras, análises e discussões de textos sobre arte, os/as estudantes pensaram sobre noções de arte indígena e o que esse conceito significa para cada povo.

Com relação a essa temática do significado da arte para os povos indígenas, o professor indígena peruano Mario Mejía Huamán, da Universidad Ricardo Palma (URP)/Lima, durante um seminário desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), abordou sobre como os povos indígenas possuem uma visão estética do mundo, a qual está integrada à vida cotidiana. Ele explicou que em quéchua não há conceito de arte nem de cor, não existe a palavra arte porque tudo é arte, ela está em todos e em tudo, sendo o mundo visto em toda a sua beleza. A comunidade se aproxima da noção de arte através do estar íntegro na rotina diária, com a presença inteira em cada momento, pois essa forma de estar é um movimento criador. A arte é vista como caminho para totalidade, sendo que o ser humano cria a arte e a arte o recria.

O texto do acadêmico Daniel Kuaray também esclarece sobre o significado da arte para o povo indígena mbya guarani, trazendo a relação com aspectos da sua educação, filosofia e visão de mundo, incluindo a complexidade da conexão com a natureza e a espiritualidade:

*A arte Guarani se manifesta através da educação corporal tradicional. Essa educação vem por meio da observação da natureza, da cosmologia e da espiritualidade da relação com as divindades sagradas. O Mborai ejeroyji, o canto-dança é uma das formas de interação com o sagrado. O grafismo representa a geometria divina, simbolizando o elo entre o Ser Guarani, a mãe Terra e as divindades celestiais. Toda essa arte não está separada, tudo faz parte de um mesmo ciclo, da filosofia ancestral, das palavras sagradas de um mesmo corpo, por isso a arte Guarani é tão importante, pois retrata nosso Nhandereko, nossa forma de viver e ver o mundo. (Kuaray, em 2020.*

A concepção de arte, conforme os textos e falas indígenas, envolve a integralidade humana, com todas as suas dimensões, abrangendo o corpo inteiro, os sentidos, sentimentos, conexões espirituais e expressões, predominantemente através da oralidade, incluindo artesanatos, desenhos e pinturas, mas que atualmente também abrange usos de tecnologias e escritas em diversos formatos.

Na visão de Santos (2019, p. 93) “a fronteira entre a arte e o conhecimento oral é muitas vezes difícil de determinar”. Essa conexão é bem evidente nas licenciaturas, sendo possível observar a forte presença da arte nas suas atividades, produções e apresentações, incluindo uma aproximação entre escrita e oralidade. A arte se manifesta nesses programas em perspectivas complexas, interdisciplinares, interculturais e descolonizadoras, constituindo trabalhos de revitalização e valorização cultural, fortalecimento de identidades, conexão espiritual, expressão e contestação política, potencializando ligações entre áreas de conhecimento e contribuindo em elaborações reflexivas e construções de materiais pedagógicos, na ciência e nas etnociências.

Em uma abordagem mais política, por exemplo, na licenciatura da UNIFAP, uma turma realizou performance sobre as questões de discriminação racial na universidade. Um dos estudantes que se apresentou falou da importância de usar o corpo para expor sobre sentimentos e valores, e conversou com os colegas sobre o envolvimento e a inteireza do artista, a amplitude da arte e como cada pessoa interpreta de uma forma. Um dos professores explicou que conversavam acerca da necessidade de rediscussões sobre arte e democracia, utilizando a abordagem artística no sentido de provocar as pessoas, fazer política e construir formas de modificar a realidade. Outra professora trouxe aspectos sociológicos que podem ser discutidos a partir da performance, trabalhando com questões de discriminação racial, étnica e de gênero, as diferentes formas de participação na sociedade e os status sociais, refletindo sobre como os papéis sociais são desempenhados por cada um de nós, como atuamos como motores de punição para quem não se enquadra em um determinado padrão.

O papel descolonizador da arte pode ser exemplificado a partir da apresentação do trabalho “Reflexões sobre identidade em curso no VI Encontro da Juventude Indígena do Oiapoque”, no seminário do Programa Toré, da UNIFAP, mostrando imagens de performances teatrais deste evento, abordando a importância do teatro na expressão de contextos da memória coletiva e individual, com suas transformações ao longo do tempo. Através da expressão corporal, com grafismos e vestuário, foram trazidos elementos da atualidade e históricos, desde antes do contato com os não indígenas, desenvolvendo críticas em relação ao atual momento do povo, em que práticas espirituais ancestrais perdem espaço com a entrada de igrejas evangélicas nas aldeias.

As linguagens artísticas também estão sendo trabalhadas nas licenciaturas como importantes instrumentos pedagógicos, junto ao papel político, cultural e espiritual. Ao longo das atividades acompanhadas, foi possível perceber essas expressões se manifestando como um elo que conecta as diversas áreas de conhecimento, bem como diferentes culturas, constituindo elemento fundamental para registros de saberes indígenas, construções de ideias e difusão de saberes, contribuindo em novas formas de construção e manifestação de pensamentos e de materiais didáticos. As apresentações de trabalhos e de resultados de discussões de grupos ao longo das atividades têm sido permeadas por conjuntos de diversas linguagens artísticas. Na UFG, por exemplo, durante a “Oficina e exposição de material didático”, após as discussões os grupos discutiram e apresentaram suas considerações de formas variadas, enriquecidas com esquemas e mapas mentais, danças e músicas.

Nesse sentido, Santos (2019) ressalta que o saber oral apresenta um aspecto performativo, que também é visual e corporal, implicando em uma copresença. O autor destaca o caráter corpóreo do saber, pois o conhecimento só é possível com a experiência, a qual está ligada aos sentidos e sentimentos que afloram, permitindo a abertura ao mundo e à vida.

A oralidade usa o corpo inteiro, o visual, a voz, os sentimentos, as intuições e o pensamento simbólico, principalmente através de metáforas e da linguagem poética. A arte, nas suas múltiplas manifestações, apresenta um papel fundamental na reconciliação entre conhecimento, linguagem, corpo e vida, cuja cisão ocorreu principalmente a partir da modernidade e da colonização.

A professora Cleidiane Neves trabalhou essa importância da linguagem corporal ao longo da disciplina “Cultura corporal e povos indígenas”, da licenciatura da UEPA, com o desenvolvimento de processos investigativos sobre as manifestações corporais da etnia assurini do Tocantins e seus significados. Os/as estudantes pesquisaram com os mais velhos sobre músicas, danças, jogos e pinturas corporais, como eram no passado e como estão atualmente, identificando as influências da cultura ocidental. As atividades envolveram a organização de um encontro na escola, convidando a comunidade para assistir a apresentação das danças das músicas *Arytinga Se'engara* e *Wyracakawa*. Foram realizadas pinturas corporais nas crianças, específicas para cada dança, utilizando urucum. Inicialmente, dois anciões da comunidade demonstraram as danças, cantando junto com as crianças

e orientando os movimentos. Após a apresentação, houve a fala de alguns professores e do cacique, com ênfase na essencialidade da continuidade da língua materna e da cultura tradicional. Houve ainda a realização de um encontro cultural noturno, com grande participação da comunidade, incluindo apresentações de danças e músicas; discursos de lideranças políticas e espirituais; e confraternização com comida típica (tradicional). Essas atividades originaram a produção de textos bilíngues e desenhos representando as danças, as pinturas corporais e os animais que as danças simbolizam, acompanhados pelas letras das músicas. No depoimento seguinte a professora relata sobre a importância dessa trajetória:

*Um dos pontos mais importantes do trabalho foi esse incentivar ao resgate da cultura, principalmente da língua materna, na relação com as danças e a tradição. Por exemplo, um estudante disse que antes a batida do pé era mais lenta, sincronizada, e hoje é mais acelerada, mas sem a empolgação que tinha antes. Percebi que se animaram mais. Tem quatro que falam fluentemente. Dois professores da língua materna e filhos do cacique. Um entende, mas não fala. Três conhecem só algumas palavras. A cada dia que passa eles estão se empolgando mais para buscar e trazer para os mais novos o resgate da língua e das tradições. Sentem essa vontade de resgatar. Uma das coisas que citaram foi a presença dos mais velhos na escola. Eles sempre participam e passam conhecimento pras crianças. Amanhã vamos atrás de mais informações. Um estudante me mostrou uma reportagem sobre jogos na aldeia. (Neves, em 2019).*

Luciano (2017) também chama a atenção para a relação entre língua e território, enfatizando como as mulheres oferecem o sentido espiritual à concepção de Mãe Terra, na relação com o território, visto e sentido como fundamental para a continuação da existência. Por meio desse sentimento, a conexão territorial está imbricada com a aprendizagem da língua materna, nos processos educacionais tradicionais. Na língua mãe, cada ser e cada lugar têm um nome e um significado, de modo a ampliar e aprofundar o vínculo afetivo entre as pessoas e com cada espaço territorial.

A relação entre língua e território costuma ser bastante marcante nas licenciaturas, em suas concepções teóricas e metodológicas, enfatizando essa conexão através de elementos linguísticos e de diferentes linguagens. O direcionamento para a pesquisa e expressão de saberes territoriais, de forma interdisciplinar e intercultural, mostra uma importante relação entre arte, ciência e pedagogia no

fortalecimento do vínculo territorial, contribuindo para seu maior conhecimento e desencadeando possibilidades de resolução de demandas comunitárias.

Como exemplo, pode ser citado o trabalho desenvolvido em etapa da licenciatura da UEPA, com a etnia assurini do Tocantins, na aldeia Trocará em Tucuú/PA. As ilustrações dos trabalhos, referentes às pesquisas desenvolvidas nas disciplinas, revelaram o desenho como importante instrumento de representação de diversos tipos de conhecimentos e significados territoriais, integrando arte e ciência e mostrando sua grande relevância e potencialidade para a Educação Escolar Indígena. Através de pesquisas realizadas na disciplina “Saberes indígenas e estudos de biologia”, com entrevistas e observações sobre diferentes aspectos da aldeia, os conhecimentos foram ilustrados com desenhos detalhados, representando plantas medicinais, frutos, peixes, artesanatos, alimentos e pinturas corporais, com suas características. Essas investigações originaram a produção de materiais pedagógicos para a escola, como cartazes e cartilhas, com informações na língua assurini e na língua portuguesa. Um encontro final da etapa, com apresentações dos trabalhos desenvolvidos nas disciplinas, mostrou uma articulação entre diversas linguagens artísticas, como músicas, danças, pinturas corporais e artesanatos, sendo todas muito bem representadas através dos desenhos, mostrando elementos da natureza, mitos, símbolos, modos de vida, relações comunitárias e com o território. Nas danças apresentadas, as pessoas representavam animais, com seus gestos e sons, e com pinturas corporais específicas, trazendo seus significados. A imagem recebida em sonho pelo Pajé é transformada em corpos que dançam, ornamentados e pintados com materiais naturais, representando animais ou outros elementos da natureza, proporcionando conexões espirituais.

Na disciplina “Interculturalidade na Educação Escolar Indígena”, nessa mesma etapa da licenciatura da UEPA, foi elaborado um Calendário Socionatural<sup>2</sup>, o qual foi apresentado no formato de um cocar assurini, onde cada pena estava representando um mês do ano, com conjuntos de desenhos de elementos da natureza e situações comunitárias referentes a cada período, em grande riqueza de

---

<sup>2</sup> O Calendário Socionatural é um dos instrumentos pedagógicos que fazem parte do Método Indutivo Intercultural (MII), uma proposta metodológica organizada pelo antropólogo e linguista Jorge Gaschê, na Amazônia Peruana, cuja concepção se fundamenta na reflexão sobre atividades territoriais cotidianas de cada comunidade indígena, como forma de aprendizagem e produção de conhecimentos.

detalhes, mostrando movimentos e possibilitando a visualização ou a imaginação das pessoas em suas atividades cotidianas. Além do significado da forma inteira do desenho, expressando um cocar, cada detalhe e cor escolhida exprimem seu sentido. Também foi construído um Levantamento Socioambiental, todo ilustrado com desenhos caracterizando cada temática trabalhada, além de um mapa detalhado do território Assurini do Trocará, com a localização dos rios e igarapés e de cada comunidade.

A linguagem cartográfica tem sido utilizada em licenciaturas, como forma de trabalhar com conhecimentos interculturais de diferentes áreas, em conexão com saberes e demandas territoriais, com potenciais contribuições para ampliar o conhecimento e melhorar o manejo de seus territórios, colaborando com atividades de diagnóstico, planejamento, elaboração de materiais, construção e avaliação de projetos comunitários. Gomide e Santos (2015), atuando através de mapas com estudantes da licenciatura da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), observaram que a construção vai além de uma representação cartográfica, refletindo a expressão de toda uma riqueza de saberes, experiências vividas, lugares, trajetos e ambientes, em um processo de elaboração participativa de conhecimento. Os autores salientam o quanto levantamentos deste tipo podem contribuir para a discussão e a estruturação de planos de gestão das terras ameríndias, colaborando com alternativas sustentáveis para estes povos, tendo em conta a importância do envolvimento comunitário na elaboração de propostas sobre o uso e o manejo dos recursos naturais de seus territórios.

Importante destacar o trabalho desenvolvido através da professora Solange Rodrigues da Silva, da área da geografia da licenciatura da UNIFAP, com a etnocartografia, as narrativas cartográficas e a construção coletiva intercultural de outras possibilidades para a linguagem cartográfica, a partir de mapas mentais e dos referenciais indígenas de localização e orientação, integrando mitos, narrativas de origem e cosmovisões.

São diversos tipos de atividades que estão sendo realizadas nas licenciaturas, no sentido de trabalhar línguas e linguagens indígenas. Mas um fator importante dessas ações se refere a sua integração ao cotidiano dos programas, como um eixo com uma função essencial, ao qual permanecem ligadas as demais temáticas e áreas. Nesse sentido, Luciano (2017) considera não ser suficiente a promoção de

eventos e atividades para a valorização linguística, pois a verdadeira vitalidade da língua só é alcançada ao manter um papel relevante na vida das pessoas.

Esse papel relevante é trazido para as licenciaturas, não por meio de atividades isoladas, mas por um conjunto que implica em imersões no cotidiano de suas etapas intensivas, possibilitando a concretização de noções como transversalidade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Conforme Santos (2019), o saber que nasce da oralidade apresenta uma lógica diferente, constituindo um conhecimento que ultrapassa divisões em disciplinas, tempos sequenciais e espaços demarcados.

Com esse tipo de pensamento, o professor Abadio Green, da LPMT, demonstra a preocupação com o fato de que muitas abordagens linguísticas sejam reduzidas a divisões disciplinares: “Perdemos quem sou eu. No bilinguismo, a língua se torna disciplina, como se ensina o inglês, o francês. Mas temos aprendido que língua é memória”.

Mesmo que a organização curricular dessas licenciaturas conservem disciplinas e/ou áreas específicas para a questão linguística, são mantidos princípios de transversalidade e interdisciplinaridade. Apesar do importante papel do campo linguístico nos programas, pode ser observado que a presença do tema não se restringe a essa área, estando presente de forma internalizada em todas as terminalidades, disciplinas e temas contextuais. Por exemplo, na área de ciências, conforme verificado ao longo de atividade de construção de jogos pedagógicos para trabalhar temas relacionados com animais. A fala da professora, durante as apresentações, mostra essa importância:

*Não podemos deixar de lado a língua. Não é só na disciplina de línguas, mas em tudo. Esse é o momento de juntar o conhecimento e montar estratégias de ensino. Trazer a comunidade. Fazer um movimento mesmo. Vocês são os principais atores. Se eu não sei tenho que procurar alguém na aldeia que saiba. O conhecimento de vocês é muito rico, principalmente nessa parte dos animais. Falta colocar isso no ensino. Relação com ambiente, resíduos, saúde, espiritualidade. Animais que transmitem doenças ou que são usados em tratamentos, cosmologia envolvendo animais, constelações com nome de animais. (Melo, em 2020).*

Em outro momento dessa etapa da UNIFAP, em uma aula de entomologia, houve a organização de grupos conforme as etnias para conversar na sua



língua sobre o conteúdo aprendido, na relação com sua cultura e a forma como conhecem. Construíram mapas mentais, com desenhos de insetos e escreveram os nomes de cada parte nas línguas maternas e no português, apresentando os trabalhos em ambas as línguas. Posteriormente, em atividade no laboratório, observaram as espécies, analisando as características a partir de suas experiências das aldeias, e elaboraram etiquetas com nome científico e denominação comum em português e nas línguas indígenas, acrescentando o nome do/a estudante que identificou na sua língua materna.

Luciano (2017) também reflete sobre o desafio da imensa diversidade linguística no Brasil, com um escasso número de linguistas especializados para pesquisas e produção de materiais pedagógicos. O autor chama a atenção para a urgência da demanda de levantamentos sociolinguísticos sobre a situação das línguas indígenas no país e os contextos das gerações falantes dessas línguas, além da relevância da formação de indígenas pesquisadores da área.

Com relação à formação de pesquisadores/as indígenas, é fundamental destacar o trabalho que está sendo desenvolvido na licenciatura da UNIFAP. Na área da linguística, a produção de materiais constitui um importante objetivo do trabalho, que se manifesta na relação entre educação, pesquisa e extensão. Entre outros exemplos, pode ser ressaltado o projeto “Valorização das Línguas Crioulas do Norte do Amapá”, aprovado em edital do Ministério da Justiça (MJ), que desenvolveu oficinas de formação de pesquisadores indígenas Karipuna e Galibi Marworno da Terra Indígena Uaçá, com a produção de documentários e livros didáticos e paradidáticos para o fortalecimento do uso das línguas crioulas nas escolas e comunidades indígenas.

A importância desses tipos de esforços ficou muito marcada durante uma apresentação de estudantes indígenas no Seminário do Programa Toré, da UNIFAP, com o trabalho: “Documentação de memórias e saberes com ELAN”. O ELAN, programa desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística para anotação de arquivos de áudio e vídeo, apresenta benefícios como a sincronização entre o arquivo de mídia e a transcrição, facilitando a análise linguística dos dados; a possibilidade de criação de múltiplas trilhas, proporcionando a separação das falas dos participantes e o registro de informações contextuais; e a flexibilidade de formatos de exportação da transcrição e compatibilidade com outros programas.

(OUSHIRO, 2014, p. 117). Ao mostrar as vantagens do uso desse software e seus recursos para a transcrição linguística, a exposição dos acadêmicos trouxe uma reflexão sobre a importância desses registros, pois a língua faz parte da cosmologia ameríndia, sendo que a perda linguística e dos cantos ocasiona a destruição de elementos irrecuperáveis. O ELAN permite transcrever e analisar entrevistas, com narrativas onde o sábio só fala a língua materna, e traduzir para o português. Como o aplicativo possui vários recursos, depois de transcrever pode ser usado outro programa para fazer legendas e formatar documentos. Além de mostrar a relevância de registrar os contos, os quais estão em constante mudança, o trabalho revelou a importância dos indígenas estarem se apropriando desse tipo de conhecimento técnico, usando esses programas para registrar suas línguas, fazer trabalhos e utilizar como ferramentas na escola, possibilitando que línguas, contos, histórias e conhecimentos dos sábios permaneçam registrados, da forma como eles falaram.

Um professor da área de Linguagens e Códigos ressaltou o valor desse trabalho da documentação linguística como base para pesquisa e ensino:

*Uma língua morre a cada duas semanas. Hoje temos ferramentas gratuitas, acessíveis, fáceis de usar. Na década de 1980, para fazer dicionário não tinha quem soubesse, não havia estrutura. Hoje, com a formação de linguistas e pesquisadores indígenas, temos um salto exponencial na produção. O mais importante é promover autonomia mais facilmente. Poder fazer gramática e dicionário e colocar na escola, onde há uma demanda grande de material didático. Não depender de editora e edital que demora para sair e não sai do jeito que querem. Ajuda a registrar histórias, cultura e língua indígena. E também ajuda no português. (Silva, em 2020).*

E a professora de história mostrou o quanto essa documentação é relevante, não somente para a área da linguística, mas para todos os campos de conhecimento, constituindo acervos de informações valiosas para outros pesquisadores/as indígenas e para todo o movimento ameríndio.

*Esses métodos não se restringem à pesquisa das línguas. Apoiar toda a documentação da aldeia. Em 200 anos esses documentos das suas aldeias, festas, reuniões, movimentos, vão estar registrados. Outros descendentes vão trabalhar com esses documentos. Colocar em banco de dados, todas as transcrições. Trabalho exaustivo. Tem que ter domínio da língua, da entona-*

*ção. É importante para todas as áreas. Para os Trabalhos de Conclusão de Curso também. (Almeida, em 2020).*

Luciano (2017) aborda ainda os desafios pedagógicos para a valorização das línguas indígenas, principalmente com relação ao pensamento colonizador, o qual continua exercendo sua força através de mentalidades acadêmicas e escolares fundamentadas em uma matriz eurocêntrica, alimentando racismos estruturais e a imposição de uma condição de subalternidade e inferioridade de povos indígenas. Desse modo, a continuação das culturas e línguas ameríndias está ligada a processos de descolonização para a suplantação do eurocentrismo e de sua bagagem de hierarquização de conhecimentos e línguas, principalmente através de transformações universitárias e escolares. A educação escolar indígena, na sua forma diferenciada e com o protagonismo desses povos, possui essa potencialidade transformadora, mas para isso precisa romper com a formatação convencional, avançando no envolvimento comunitário e no fortalecimento de pedagogias tradicionais, com a participação de lideranças e sábios.

A escolarização indígena, com esse tipo de proposta, tem sido bastante discutida nas licenciaturas, com contribuições para a consolidação de escolas bilíngues e interculturais, abrangendo Projeto Político Pedagógico (PPP), organização curricular, criação de metodologias e elaboração de materiais didáticos. Uma das importantes questões que têm sido debatidas se refere à alfabetização bilíngue, de modo a seguir princípios e práticas pedagógicas próprias. Na licenciatura da UFG, por exemplo, foram realizadas dinâmicas de grupo para a construção de ideias sobre a alfabetização indígena, com apresentações das sínteses das reflexões e discussões com toda a turma, originando a produção de um texto coletivo, envolvendo integrantes das etnias akhem, krahô, guajajara, xavante, kanela e caiapó. A discussão partiu do questionamento sobre os motivos para se alfabetizar na língua materna, sendo que entre as razões foi destacada a importância da escrita para registrar conhecimentos, valorizar elementos culturais, guardar a memória dos sábios e estabelecer vínculos entre gerações. Foram lembrados exemplos de pessoas que não falavam a língua e passaram a falar por meio da escrita. Nessa reflexão foi ressaltada a importância da oralidade e de uma maior integração entre a linguagem oral e a escrita. A necessidade da oralização da escrita é destacada por Santos (2019, p. 264), visando uma contribuição para

a “desmonumentalização das produções textuais”. O saber da oralidade pode recriar e transformar a realidade, nas suas variadas formas de expressão, pois as narrativas, histórias, cantos e danças contribuem para o fortalecimento pessoal e comunitário. Para o autor, nenhuma comunidade ou pessoa pode se libertar a não ser através da sua própria língua.

Nas atividades da UFG foi observada a dificuldade de manutenção dos conhecimentos indígenas sem as línguas, considerando-se que em cada tradução se perde muito, pois cada linguagem tem seu universo, que está ligado à identidade e à sua relação com o meio social e natural. O pensamento do neurobiólogo chileno Humberto Maturana ajuda a compreender essa essencialidade da língua, por meio de suas epistemologias sistêmicas. Maturana e Varela (2001) desenvolvem explicações sobre as diversas relevâncias da linguagem, destacando que toda a diversidade de mundos culturais emerge das diferentes heranças linguísticas, permitindo os variados conhecimentos e identidades humanas que são vividos nas tradições. Além disso, a linguagem possibilita a autodescrição, permitindo a emergência de outros fenômenos, como a reflexão e a consciência. Maturana (2001, p. 154) explica que nossa existência como seres humanos acontece na linguagem, produzida na fluência de “coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações”, originando tudo o que fazemos e somos, incluindo a experiência e também a ciência.

A partir dessa consideração da importância da língua materna, na forma oral e escrita, as reflexões e narrativas indígenas dos trabalhos da licenciatura da UFG foram se conduzindo para outra discussão relevante, a de como pensar o processo de alfabetização em uma concepção de educação intercultural e transdisciplinar. Para isso foi conversado sobre o universo da criança e como ela é educada, aprende e pesquisa no contexto indígena de cada povo. Foi discutido que não existe aprendizado fora da interação, pois a criança indígena aprende através da participação na própria cultura e comunidade, convivendo e interagindo com outras pessoas de diversas idades, sendo fundamental respeitar suas fases de vida e suas brincadeiras espontâneas, evitando retirá-las do contexto cultural.

Essa visão é sustentada por Verden-Zöllner (2004), destacando que a identidade de cada ser humano é constituída naturalmente, em uma comunidade de aceitação mútua, como uma forma espontânea de ser, crescendo na convivência

de intimidade corporal, total aceitação e confiança com adultos e crianças. A autora explica a importância da brincadeira, a qual é uma realização vivenciada no presente, de modo emocional, com total envolvimento e aproveitamento, uma experiência completamente válida em si mesma e sem nenhum propósito externo, onde através do fluxo livre de movimentos e ritmos as crianças usufruem de si mesmas, seus territórios e âmbitos de existência, criando seu entorno. Só quando é permitido que a atividade motora infantil ocorra na espontaneidade da brincadeira, a criança pode chegar à plena consciência operacional de seu corpo e possibilidades, abrangendo ritmo, equilíbrio, movimentos corporais, construção de signos elementares, orientação espacial e temporal, imaginação e linguagem. Desse modo, as brincadeiras espontâneas não são ocasionais e constituem dinâmicas corporais conectadas com comportamentos ancestrais, expressivos das integrações entre o ser vivo e seu meio.

A partir desse tipo de perspectiva sobre infância e aprendizagem, os/as participantes dessas atividades ressaltaram que a alfabetização na língua indígena ocorre na vida coletiva, na oralidade e na prática cultural, envolvendo a família, respeitando a especificidade de cada comunidade, com liberdade e criatividade para a criança pensar, criar, brincar, viver a arte, como pressuposto educativo. É uma alfabetização familiar, pela coletividade, intercultural, transdisciplinar e ecológica, através da qual a criança vai aprender a amar a família, o território e a cultura, e desenvolver um pensamento político consciente, crítico e ativo nas relações interculturais.

Esta reflexão está em congruência com Maturana e Varela (2001), na sua declaração de que a linguagem permeia toda nossa ontogenia como indivíduos, desde nossa postura até a política. Para esses/as acadêmicos/as da licenciatura da UFG, a alfabetização é vista como ato político, contribuindo para a transformação da realidade. Uma alfabetização contextualizada e processual, por meio da pesquisa e da leitura de mundo, onde o/a professor/a também vai aprendendo sobre a própria cultura, através da investigação, descoberta e imaginação, trabalhando com a alegria e a potência infantil, com a retomada de saberes milenares e a consciência ecológica, de forma crítica, criativa e espontânea. A questão política inerente às línguas indígenas também é destacada por Luciano (2017), considerando o trabalho escolar linguístico como essencial no âmbito das lutas

do movimento indígena pelo reconhecimento identitário, o pertencimento étnico e a melhoria da autoestima.

A narrativa elaborada por essa turma da licenciatura da UFG acrescentou que a criança vai aprendendo o papel da escrita no seu próprio mundo, amparada afetivamente e valorizada como autora do seu processo de aprendizado. O trabalho é desenvolvido com o potencial que ela tem, não só da leitura, mas também da arte, da oralidade, da emoção e dos valores. Maturana (1998, p. 13) destaca essa importância da dimensão emocional, considerando que nossa sociedade, ao optar pela prevalência da racionalidade, passa a desvalorizar as emoções, desintegrando o conjunto razão-emoção, sendo que é essa junção que constitui nosso viver humano, pois todo sistema racional tem um fundamento emocional.

As ideias sobre alfabetização construídas por esses indígenas, a partir das reflexões sobre o sentido da escrita bilíngue, geraram a elaboração de princípios, métodos, projetos e atividades, com base nessa visão que envolve emoção e cooperação, enfatizando iniciativas coletivas e comunitárias. Entre as ideias, foi destacada a importância de que o projeto de alfabetização de crianças indígenas seja definido com a participação de professores/as, crianças, famílias e comunidade, valorizando uma alfabetização contextualizada no mundo familiar e comunitário, incluindo a seleção de palavras que são usadas nesse universo. Assim, conforme expressões desse coletivo, podem ser promovidas atividades de interação social e ecológica, despertando a curiosidade da infância para conhecer e compreender o mundo que está em sua volta, criando contextos de oralidade para produção da escrita e da leitura, como jogos, pesquisas e mapeamentos da região, levantamento de tipos de animais, frutas e plantas medicinais, por exemplo. São formadas palavras e frases no contexto político, ecológico, de conhecimento do território, da brincadeira e do protagonismo, motivando a criança a participar, criando o sentimento de pertencimento na produção conjunta de conhecimento e cultivando a alegria de produzir junto. Podem ser construídos cartazes e outros materiais, de forma coletiva, onde cada um vai inserindo o que sabe e as crianças mais velhas vão ajudando as mais novas, com a posterior exposição dos trabalhos.

Desse modo, fica evidente a relevância da alfabetização indígena comunitária, com o conhecimento histórico da aldeia, em uma vivência cultural e ecológica, revitalizando saberes tradicionais e fortalecendo identidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de aspectos apresentados e discutidos ao longo deste artigo, sobre trajetórias que estão sendo trilhadas em licenciaturas indígenas do Brasil e da Colômbia, pode ser destacada a relevância de processos coletivos de revitalização, valorização e expressão de línguas e linguagens ameríndias, envolvendo arte, simbolismo, ritualismo e relação com os territórios. A pesquisa mostra trabalhos abrangentes e complexos que não se manifestam através de atividades isoladas, mas sim como conjuntos de ações, programas, projetos, atividades e eventos, se configurando como sistemas que abrangem todas as áreas de conhecimento, disciplinas e etapas. Desse modo há um sentido mais amplo e profundo das línguas e linguagens, se manifestando em concepções espirituais, cosmológicas, políticas e descolonizadoras.

O papel da arte se mostra como fundamental nessas trajetórias, envolvendo todos esses aspectos e se revelando como importante instrumento pedagógico, com contribuições para a interculturalidade, a interdisciplinaridade e a transversalidade de conhecimentos e temas essenciais para o movimento e as comunidades indígenas. O uso de diversas modalidades artísticas promove a troca de ideias e sentimentos entre diferentes etnias e culturas, potencializando os saberes e a construção de novos conhecimentos, sua difusão e utilização, bem como ampliando a concepção dos sentidos da arte como modo de vida e como pensamento. O desenho se mostra como ferramenta muito promissora, com expressão detalhada e minuciosa de muitas informações territoriais e culturais.

A formação de pesquisadores/as indígenas de suas próprias línguas, com instrumentação linguística e uso de tecnologias avançadas, é essencial para a sustentação dessas línguas de forma integrada a seus significados mais profundos, os quais se perdem muito com traduções. Os registros de contos, mitos, músicas e ensinamentos dos mais velhos, por meio dessas pesquisas e junto à elaboração de materiais pedagógicos, possibilitam não somente a continuidade desses saberes, mas o aproveitamento por outros/as pesquisadores/as indígenas, a utilização em escolas bilíngues e a construção de novas ideias, contribuindo para um fortalecimento político, cultural e identitário.

Através dessas licenciaturas, pedagogias bilíngues são pensadas, investigadas e exercitadas, envolvendo sentimento, espiritualidade, descolonização e política,

através da relação com territórios e comunidades, abrangendo pesquisas, experiências, vivências e expressões em variadas linguagens.

A construção de ideias sobre alfabetização indígena bilíngue e multilíngue se destaca como dimensão fundamental e básica na formação diferenciada de estudantes indígenas, com a importância de alfabetizar na língua materna, em uma visão interdisciplinar e intercultural. São trazidos elementos relevantes como integração entre oralidade, escrita e outras modalidades de expressão; respeito ao mundo da criança, de modo conectado ao contexto cotidiano coletivo e na relação com a natureza; valorização da família, comunidade e território; essencialidade do sentimento e do amparo afetivo. Esses princípios pedagógicos contribuem para transmissão de valores tradicionais, aumento da autoestima, conexão espiritual e formação básica para construção de um pensamento político.

## REFERÊNCIAS

GOMIDE; Maria Lucia Cereda; SANTOS, Alex Mota dos. Registros das Terras Indígenas de Rondônia por meio de mapas mentais. *Revista Cultura e Extensão*, São Paulo, v. 13, p. 55-63, 2015.

KUSCH, Rodolfo. *Obras completas*. Rosario: Editorial Fundación Ross, 2007.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 295-310, maio/ago. 2017.

MATURANA, Humberto Romesín. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto Romesín. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto Romesín; VARELA, Francisco Javier. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

OUSHIRO, Livia. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o Elan. In: FREITAG, Raquel Meister. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2014. p. 117-32.

QUEIROZ, Rosângela Soares de; PAULA, Aldir Santos de. A narrativa indígena em uma



abordagem interdisciplinar: as várias formas de contar uma história. In: PAULA, Aldir Santos de; SILVA, Iraci Nobre da; SILVA, Maria Margarete de Paiva. (Org.). *Letras indígenas: PROLIND em Alagoas*. Arapiraca: EDUNEAL, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VERDEN-ZÖLLER, Gerda. O brincar na relação materno-infantil: fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social. In: MATURANA, Humberto Romesín; VERDEN-ZÖLLER, Gerda (Org.). *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Athena, 2004. p. 117-216.

### **Sobre as autoras:**

**Beatriz Osório Stumpf:** Doutoranda em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Mestre em Educação. Pedagoga e membro do Grupo de Pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **E-mail:** beatriz.osoriestumpf@yahoo.com.br, **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8510-5511>

**Ana Luísa Teixeira de Menezes:** Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com bolsa de Pós-doutorado CNPQ. Doutorado em Educação pela UFRGS. Mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Trabalhou como Pró-Reitora de Extensão e Relações Comunitárias da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Atualmente é professora do departamento de psicologia e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e de Psicologia Profissional da UNISC. Vice-líder do grupo de pesquisa no CNPQ PEABIRU: educação ameríndia e interculturalidade (UFRGS/UNISC). Tem pesquisas na área de Psicologia e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação guarani, psicologia comunitária, psicologia analítica e espiritualidade. Coordena o projeto de pesquisa aprendizagens interculturais com os Guarani: produção de conhecimentos ameríndios para a educação das infâncias (CNPQ/Universal) e o projeto aprendizagens interculturais com os Guarani na Educação Básica (FAPERGS/Gaúcho). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9777-0022>. Analista Junguiana pelo IJRS e AJB. Facilitadora didática de Biodança - EGB. **E-mail:** luisa@unisc.br, **ORCID:** <http://orcid.org/0000-0002-9777-0022>

Recebido em: 10/08/2021

Aprovado para publicação: 27/10/2021